

Por que, como e onde divulgar ciência?

Natalia Pasternak Taschner

Falar de ciência é necessário? A recente crise de financiamento da ciência mostra que sim. Enquanto os cortes abalaram a comunidade científica, a população como um todo nem percebeu. E por que deveriam, se não fazem ideia da importância da ciência para o seu dia a dia e para o desenvolvimento de um país? A ciência permeia o nosso cotidiano de uma maneira tão intrínseca que se tornou irrelevante. Ninguém percebe que cada escolha que fazemos, desde o produto que decidimos comprar no mercado até a vacina que daremos aos nossos filhos, está baseada no conhecimento que temos – ou que não temos – sobre ciência.

Uma população bem informada toma decisões melhores. Uma população que não compreende os caminhos da ciência torna-se mais suscetível e vulnerável, e pode ser manipulada para atender os interesses políticos e econômicos de grupos que detêm o poder. Casos como o da fosfoetanolamina, a invasão do Instituto Royal e a presença crescente de pseudociências no Sistema Único de Saúde mostram o perigo e o custo da desinformação para a sociedade.

A ciência brasileira vive um momento muito delicado. Os cortes violentos no nosso orçamento, a fusão do nosso Ministério, e o corte de bolsas de pós-graduação são um reflexo da falta de comunicação entre a academia, a sociedade, e a classe política. Se no momento de crise, nossos líderes cortam prioritariamente o investimento em ciência, certamente desconhecem a importância deste investimento para o desenvolvimento de um país. E quando a sociedade nem pisca com esses cortes, percebemos que estivemos isolados do mundo por tempo demais. Nós esquecemos de falar com a sociedade. Esquecemos de prestar contas aos patrões. E os patrões decidiram que não somos necessários.

Mas como reverter esse quadro e divulgar a ciência? Como mostrar para a população para que serve afinal todo o trabalho desenvolvido nas Universidades e Institutos de pesquisa, financiados com dinheiro público? Algumas maneiras incluem o uso da internet e das mídias sociais, iniciativas privadas como blogs e vlogs, revistas de divulgação científica, e também palestras e festivais como o Pint of Science, que promovem uma discussão científica acessível para o público leigo.

As discussões científicas não são recentes. Steven Johnson conta, em seu livro “A invenção do ar”, como as casas de café de Londres em meados do séc XVII impulsionaram o movimento Iluminista. Não por acaso, os cafés eram o local de encontro dos cientistas. Isso possibilitava a troca de ideias, a interação entre áreas de estudo diferentes, e culminou no avanço da ciência nesta época. Afinal, tudo fica melhor com boa comida e bebida, e as melhores ideias geralmente não aparecem na bancada do laboratório, mas na hora do cafezinho, quando estamos trocando ideias com os colegas. Os cafés também democratizaram o acesso à informação, e ficaram conhecidos como Universidades de vintém, já que pelo preço de um café, qualquer um podia entrar e degustar um pouco de conhecimento.

Nosso novo modelo de Universidade, e as diversas e cada vez mais distintas

especializações, acabaram com essas trocas. Nossas Universidades já não são espaços de discussão, ao contrário, tornaram-se espaços de isolamento por áreas, nos quais nos relacionamos quase tão somente com colegas da mesma linha de pesquisa, e mesmo com esses, não temos locais para conversar e debater.

Festivais e palestras como o Pint of Science supriram essa lacuna. E apesar de atingirem um número menor de pessoas do que as plataformas na internet e mídias sociais, o impacto individual que alcançam é mais duradouro e valorizado. Não há nada mais gratificante do que perceber que o público entendeu o valor da ciência, e que sem ciência e tecnologia, não existe desenvolvimento, não existe saúde, não existe educação.

Se houvesse um corte de 44% na saúde ou na educação, a população iria às ruas protestar. Mas ninguém protestou por nós. Porque com o tempo, ficamos invisíveis, e ninguém sabe o que fazemos, como fazemos e por que fazemos. Como nunca falamos à população, não sobrou ninguém para falar por nós. Mas ainda há tempo. Há vontade. E agora há também o canal, que não deve de forma alguma ser o único. Precisamos criar mais canais, em formatos diferentes, que atinjam públicos diversos, durante o ano todo. Falar de ciência não é somente necessário, é indispensável para o desenvolvimento do nosso país.